

Segunda-feira, dia 04 de maio de 2015

Pousamos no pequeno aeroporto de Katmandu um pouco depois das 6 da manhã. Apenas três aviões cargueiros estavam no aeroporto e poucas caixas com produtos para a população. Eu tinha imaginado a ação das grandes organizações humanitárias de uma maneira diferente. Nosso avião tinha apenas algumas poucas



personas, mais ou menos um terço da capacidade. Conseguimos pegar as malas rapidamente e passamos com elas cheias de medicamentos sem nenhum controle aduaneiro.

Chegamos à casa dos pais de Kritan em 20 minutos e sem nenhum transtorno. As estradas estavam livres e em boas condições. O trânsito diminuiu muito desde o terremoto, pois mais de 800 000 pessoas deixaram a cidade. Isso é ruim tanto para a cidade como para a economia, mas é bom para os caminhões das organizações de ajuda humanitária, pois eles conseguem transitar sem grandes problemas.

Apesar do forte terremoto e dos outros 120 menores secundários, muitas casas de boa qualidade tiveram poucos e quase nenhum dano. Mas nós também vimos muitos prédios e casas completamente destruídos.

A casa dos pais de Kritan teve alguns danos depois de outros pequenos terremotos secundários. Nos instalamos por lá e depois de duas horas nossa central de comunicação já estava funcionando. O pai de Kritan é médico e trabalha em um hospital. O pai, a mãe e a irmã de Kritan já haviam preparado várias coisas para nós como, por exemplo, alguns chips do tipo SIM para telefones celulares, comida e bebidas. Eles também organizaram uma pequena moto para podermos nos movimentar pela cidade. Depois de um pequeno reforço partimos para verificar a situação.

Logo na vizinha dos pais de Kritan encontramos o primeiro prédio de 4 andares desabado. Oito pessoas



foram soterradas debaixo dos seus escombros e só foram retiradas já sem vida. No momento, mais de 7500 mortos foram contados, além de milhares de pessoas feridas. Quase todos que encontramos perderam familiares, vizinhos ou amigos.

Muitos nepaleses estão preocupados com os vários pequenos terremotos secundários. Muitos não têm coragem de voltar para as suas casas e ficam acampados a céu aberto. Apesar disso, em sua grande maioria, as famílias voltaram a seu dia-a-dia e o comércio voltou a funcionar.



O Nepal é um país muito pobre e as pessoas precisam sobreviver. Por isso, muitos delas gostariam que os turistas voltassem o quanto antes possível. Elas chegam até a implorar para que os turistas não descrevam o país de forma negativa. Andando pelas partes turísticas da cidade que antes do terremoto estavam lotadas de pessoas, não vemos quase nenhum turista. Para os comerciantes isso é muito ruim, pois os turistas eram a fonte de renda principal de seus negócios. Além disso, os comerciantes também sofrem com os danos causados em suas lojas, e mercadorias. Tudo isso custa muito dinheiro e eles não possuem quase nada.



No centro de Katmandu os danos são visíveis. Muitos dos prédios históricos foram completamente destruídos (por exemplo o Palácio Real, na foto). Alguns bairros parecem destruídos por bombas. O exército nepalês está cuidando dos prédios para que ninguém possa se colocar em uma situação perigosa e para proteger contra assaltos.

Nós continuamos nosso trajeto, já que estávamos querendo ajudar o máximo possível. Vimos que várias pessoas estrangeiras (principalmente chineses) e nepaleses já estavam ajudando em Katmandu. Passamos por vários acampamentos. Organizações nacionais estavam ajudando pessoas que perderam suas casas. Em poucas semanas a estação de chuvas começará e então irá chover durante muito tempo.

Vimos um carro da ONU parado em uma rua, barrado pelos escombros de uma casa. Mas usando a motinha conseguimos nos movimentar com facilidade. Vimos as pessoas arrumando por todas as partes.

Muitas pessoas no Nepal querem ajudar. Encontramos 12 jovens nepaleses que também estavam dirigindo pela cidade. Eles compraram alimentos em um supermercado para distribuí-los entre os necessitados. Nós nos juntamos a eles e depois de algumas horas no Nepal, já éramos parte de um time.



Eu e Kritan saímos alguns quilômetros de Katmandu e fomos até Lubhu. Aqui não vemos nenhuma organização estrangeira de ajuda humanitária. Mas encontramos uma organização nepalesa que armou um acampamento na frente de prédios desabados e que estava distribuindo comida e medicamentos e que também fazia exames médicos. Nós contribuímos com medicamentos e alimentos e trocamos nosso número de telefone.

Em Lubhu recebemos a informação de que em um povoado nas montanhas a apenas uns 10-15 km ainda não havia chegado nenhuma ajuda. Espontaneamente, nós decidimos ir até lá. Mas antes disso, passamos por uma loja e compramos alimentos e chocolate para as crianças.



Passando por pequenos povoados sempre conversávamos com as pessoas. Apesar delas verem que estávamos trazendo alimentos ninguém nos pediu nada. As pessoas contaram em quais regiões o terremoto foi pior e quantas pessoas foram mortas por lá. Também nos indicaram onde as pessoas necessitavam de mais ajuda. Dessa maneira ouvimos falar de Lamatar, um pequeno povoado localizado a 15 km de Katmandu.

Por incrível que pareça, apenas duas pessoas morreram em Lamatar e apenas poucas ficaram feridas. Por essa razão não foi necessário deixar medicamentos

nesse povoado. Eu não teria tomado a água da fonte, mas alguns moradores disseram que a água estava boa, mas que o gosto teria mudado depois do terremoto. Eu imagino que gases possam ter se misturado na água depois do tremor de terra.

Nós distribuimos comida, sobretudo pequenas sacolas cheia de coisas que compramos no supermercado para pessoas carentes e elas ficam muito contente com nossa ajuda. Nos próximos dias iremos enviar mais alguns sacos de arroz para algumas das famílias que perderam a comida que armazenavam em suas casas.

Obviamente, as crianças gostaram muito dos chocolates e dos biscoitos que trouxemos. Nas regiões mais rurais, muitas pessoas ainda têm alimentos da própria colheita, mas a



grande parte dos alimentos ainda estão debaixo dos escombros de suas casas. São poucas as coisas que conseguem ser resgatas. Para nós o mais importante é o apoio moral. As pessoas não vêm a nossa procura para pedir alimentos e sim para agradecer a nossa ajuda. Elas ficam muito felizes por não terem sido esquecidas e se sentem bastante emocionadas pelo fato de uma equipe alemã-nepalesa estar ajudando.

Eu imaginei o meu primeiro dia de trabalho nessa região de uma maneira totalmente diferente. Apesar de vários prédios estarem completamente destruídos as pessoas estão cheias de esperança e as crianças seguem sorrindo e brincando. O sol está bonito e brilhante e as flores têm uma coloração radiante.



As pessoas ajudam umas às outras e começaram a coletar pedra por pedra. Elas querem reconstruir suas casas o mais rápido possível, antes da chegada da estação de chuvas.

O sol poente ainda está forte sobre as montanhas. O termômetro marca 30 graus, os pássaros voam e cantam em volta de nós. As flores estão por todas as partes.

Namaste, assim se cumprimentam as pessoas aqui. Kritan é quem conversa com as pessoas. Elas, em sua grande maioria, são simpáticas e

calorosas. Apenas algumas poucas, sobretudo as mais velhas, parecem um pouco perdidas diante dos destroços. Mesmo assim elas nos chamam para conhecer seu terreno e nós aproveitamos a oportunidade para conversar sobre o que aconteceu com elas. Muitas casas cederam depois do primeiro grande terremoto, outras depois dos terremotos secundários que nos primeiros dias ainda foram bastante intensos.

As pessoas em Lamatar ficaram totalmente felizes com nossa presença. Elas gostaram dos alimentos e as crianças gostaram muito do chocolate. Para elas é importante conversar sobre o medo que muitos ainda têm. Até as pessoas que tiveram a sorte de ficar com sua casa intacta estão dormindo em acampamentos, pois elas têm medo que um terremoto secundário acabe destruindo sua moradia.



Eu estou me sentindo muito emocionado, pois durante todo o tempo encontramos pessoas amigáveis e calorosas. Sentimos que faz uma diferença estarmos aqui e que ainda podemos ajudar muito. Não são realmente as grandes organizações que ajudam, mas sim muitas pequenas organizações altamente flexíveis e comunicativas, como a Fundação GESINAS de Bosel. A grande parte delas participam ativamente na articulação entre organizações.

Nós sentimos e vemos que nossa ajuda é bem-vinda e que desde o primeiro dia ela já faz uma diferença para as pessoas da região. Temos que tomar muito cuidado na Alemanha com a afirmação, por parte do governo nepalês, de que as pequenas organizações não são necessárias e que o dinheiro delas deveria de preferência ir para o governo nepalês. Em um país tão corrupto como o Nepal esse dinheiro provavelmente cairá em mãos de políticos e servidores públicos corruptos. Nós da Fundação GESINAS nos comprometemos a ir pessoalmente ao Nepal e a aplicar o dinheiro da melhor forma possível.



O que poderia ter sido melhor?

Nós poderíamos ter levado mais pessoas da Alemanha para ajudar! Eu deveria ter motivado mais pessoas a se juntar a nós no Nepal. A quantidade de alemães ajudando no Nepal é muito pequena. No avião no qual viemos dois terços dos assentos ainda estavam livres. Da próxima vez deveríamos tentar convencer mais pessoas do nosso país para participar das ações da Fundação GESINAS.

Os nepaleses irão conseguir reconstruir suas casas. O que eles precisam é de apoio técnico com o tratamento de água e de medicamentos

para os milhares de feridos e contra doenças infecciosas que certamente ainda irão se alastrar. Além disso, eles também necessitam de apoio moral. Muitos, apesar de ainda sorrir, estão traumatizados e com medo que um outro forte terremoto possa ocorrer.

Um pouco antes do sol se pôr voltamos com nossa motinha para Katmandu. As estradas estavam em péssimo estado e assim nem percebemos que por volta das 17 horas aconteceu mais um forte terremoto que levou as pessoas mais uma vez às ruas e que certamente levou à destruição de mais casas.

Tradutor: Pedro

Para maiores informações:
www.gesinas.net

